

O Atmeidan

O Atmeidan é uma praça de Constantinopla, outr'ora o hippodromo, e que nos tempos modernos tem sido por varias vezes theatro de desordens e motins populares. Em 1808, por occasião da revolta dos janisaros, ali esteve por alguns dias pendurado pelos pés, em uma arvore, o cadaver do infeliz Beiraktar, que, vendo-se prestes a cair nas mãos dos insurgentes, fizera voar em estilhaços o edificio onde habitava. Mais tarde, em 1826, foi nesta mesma praça que deu o ultimo suspiro uma grande parte d'essa orgulhosa e altiva milicia, que, novamente, se sublevára, e cuja dissolução fora pronunciada pelo sultão Mahmud II. A praça conta apenas oitocentos e cincoenta metros de comprimento e cento e sessenta de largura; e o seu aspecto é pouco agradável; porque se de um lado se eleva elegante e magestosa a grande mesquita de Achmet, e um magnifico e bem construido hospital, do outro, por um contraste singular, só mostra pobres e arruinados edificios.

Antes da entrada dos cruzados em Constantinopla, o Atmeidan continha um grande numero de estatuas de pedra e de bronze, entre as quaes sobressaíam algumas de grande merecimento artisti-

co; mas, com o andar dos tempos e com as successivas reformas dos diversos conquistadores, foram desaparecendo todas essas obras de arte, hoje apenas ali se vêem o pilar de Constantino porphyrogeneto, quasi todo de marmore, o obelisco de Theodosio, e, entre estes dois monumentos, uma pequena columna, que dizem ser um resto da tripode de Delphos.

Nos tempos antigos, cada uma destas enormes massas de pedra tinha a sua applicação. O pilar de Constantino marcava a extremidade da lica nas corridas dos carros; o obelisco de Theodosio indicava o centro do estadio. O trabalho deste ultimo é admiravel e rivalisa com o que se tem encontrado de mais primoroso nesses restos da antiga esculptura.

A GALATÉA MODERNA

XI

Sem título

De noite, quando a callada profundamente mystica dá á terra o caracter e a serenidade de um grande templo, cujos lampadarios são os cardu-

mes de estrellas, que sulcam a amplidão, se receios e esperanças andam em lucta travada em um coração juvenil, não julgueis, ó beatíficos sacerdote da materia, que o trovador de antigas eras podia encerrar-se no seu quarto de cama, enterrar o classico *bonnet de algodão*, e refocillar, como um bemaventurado, em fôfo leito!

Um namorado de hoje tem as horas contadas. Carece de dormir um certo praso de tempo. Logo que sôe a hora fatidica, capaz é elle, o desalmado, de se desenlaçar do seio da donzellinha gentil, para se entregar nos braços do velho Morpheu.

Raça degenerada é esta que só tem incensos e perfumes para a deusa materia.

Dizem que o mundo caminha! No dominio do sentimento digo eu que não. Estamos por um pouco no materialismo romano o qual, se perdeu em sumptuosidade e intensidade, ganhou em extensão.

A cathedra curul temol-a na cadeira humilde dos parlamentos, que governam o mundo, e o sophá desengraçado e giboso, está a mil leguas do triclinio de ouro e marfim, sobre o qual os lascivos romanos se deitavam depois do festim, confundindo a orgia do phalerno com a orgia de Venus.

Hoje, um namorado, contempla com mais voluptuosidade os rolos de fumo do seu habano, do que os rolos postiços do cabello da sua amada.

As espiraes ondeantes e tenuemente azuladas de um cachimbo turco convidam mais o mancebo de vinte annos do que as curvas fugidias e graciosas de uma formosa, cujo corpo se requebra em donaires fingidos. O modo de trazer a *badine* com primor requer muito mais cuidados, do que agradar a uma elegante, que toda ella se esta enlevando em umas luvas que lhe fazem a mão *sympathica*. Um collarinho retezado e a prumo, que dê um certo ar de graveza e meditação em transcendencias politicas, mal permite uma posição cheia de melancolias amorosas.

Hoje, que a philosophia anda desgrenhada pelas ruas e os mesmos poetas cantam mythos de civilisações extinctas, de aspirações para um ideal incomprehensivel, o qual se traduz ás vezes nas trovas populares de um *fandango* andaluz ou nos ossos de um masthodonte junto as pyramides do Egypto; hoje, que todos estudam a politica aos quinze annos e já ninguem lê romances senão philosophicos; hoje, que a sombra inulta de Spinoza é invocada pelos rapazes até nos seus devaneios amorosos; hoje, enfim, que o culto do *eu*, puramente *subjectivo*, derriba dos altares todas as ficções, que traziam o mundo atrelado, só por excepção se encontra um pobre Alfredo enamorado, animal quasi extinto, ridiculo como D. Quixote, estúpido como Romeo, idiota como Werther, porque, louvado Deus, nós pomos a par com o heroe da Mancha os vultos dos dois enamorados, que morreram pelo amor! Para nós não ha differença entre Dulcinéa del Tuboso, e Julieta ou Carlota!

Aonde param os suaves amores da idade me-

dia! Aonde os torneios, as cavalhadas em que as damas eram o symbolo *sympathico* do amor e da valentia? Quem ousa cantar ainda, senão alguns poetas desalmados, esses refrãos apaixonados, que os trovadores cantavam ás suas bellas? Aonde a janellinha escusa com as suas columnatas gothicas, por entre cujos florões saía uma formosa e delicada mãosinha, que agitava um lenço bordado a ouro para o trovador enamorado, que tangia, sob as copas das laranjeiras em flor, a sua harpa? Aonde estes encantamentos de Armida? É que os jardins de Armida transformaram-se nos bosques da Cythera, e por desgraça nossa, tão rareados estão estes bosques, que nos envergonhamos de lá entrar!

Não se admirem, comtudo, os leitores. Alfredo é um trovador da idade-media. O seu coração virgem de emoções bate-lhe ancioso e fervido, aquecido pelo fogo do primeiro amor. Por isso, como havia elle de dormir? Como havia de obedecer ás leis iniquas e tyrannicas de um barrete de algodão?

Era por uma noite de primavera, toda perfumes e fragrancias, toda poesia e flores.

A lua, a casta confidente dos amores, não brilhava no céu. Verdade é que Alfredo saía do seu quarto, não para fazer confidencias, senão para espaiar e dar largas a esse embevecimento, a esse peso immenso, que acurva os amantes e os obriga a evocar do nada mil illusões hybridas e phantasticas, com que se prazem de povoar os seus sonhos.

Era tudo silencio em torno. Só de quando em quando se ouvia ao longe o quebrar das ondas na praia e o murmurio lamentoso do vento nas ramadas.

Alfredo, criança como os namorados, assentou-se em um banco de pedra, junto a um pequeno repucho, que refrescava o solitario jardim. Como trovador que era, todo entregue ás delicias do primeiro amor, cravara os olhos na janella do quarto de Violante, e começara de scismar tão profundamente, que não attendera nas horas, que corriam rapidas.

Pobre rapaz!

Quem pôde comprehender hoje esse sonhar acordado, por horas mortas da noite, em uma aldeia perdida nas serras, quando se pôde apanhar uma boa pneumonia!

Ah! Quixotes da minh'alma, que não ha Cervantes que vos matem de vez!

De repente...

Ahi vae já o leitor imaginar alguma entrevista dos nossos dois heroes, sob as copas dos laranjaes.

Engana-se...

De repente surgiu, como por encanto, do meio da espessura, um anão, que saltava e pulava como um possesso, e agitava os braços, dando uma gargalhada desentoada.

Alfredo acordou subito do seu scismar.

Parecia-lhe sair de um sonho para cair n'outro.

— Eh! eh! meu senhor! Fresca vae a noite e boa para namorados.

— Quem és? interrompeu Alfredo, erguendo-se e aproximando-se do anão.

— Quem sou? Pergunte ao rio como se chama que verá como elle responde. O rio corre para o mar, que é esse o seu destino. As vezes geme junto aos salgueiros; outras vezes tópa um rochedo, e despenha-se furioso; mas o mar lá o espera. Eu cá sou como o rio, e vou correndo para a morte. Canto ás vezes, outras choro, danço e pulo, mas nem por isso hei de escapar á morte.

— Quem és? responde.

— Chamam-me por ahí innocente, porque tenho mais malicia do que elles.

— O que vens aqui fazer?

— Eu venho colher a rosa
Mais linda deste rosal.
Ninguem das rosas se fie
Que picando fazem mal.
Pois a rosa orvalha, chora
Prantos, que d'ella não são.
Triste de quem a namora
Que triste só elle geme;
É a rosa não chora, não,
Que quem não ama não teme.

E o innocente continuou a saltar e a pular, fazendo esgares em volta de Alfredo, que cada vez estava mais enleiado.

— Quem és? O que vens aqui fazer? Tornou Alfredo, ameaçando o innocente.

Este, como se nada ouvisse, entranhou-se pelo rosal, e repetio, cantando com voz tremula e desafinada:

— Eu venho colher a rosa
Mais linda deste rosal.
Ninguem das rosas se fie
Que picando, fazem mal.
Pois a rosa orvalha, chora
Prantos, que d'ella não são.
Triste de quem a namora
Que triste só elle geme;
É a rosa não chora, não,
Que quem não ama não teme.

Alfredo, vendo que não podia perseguir o innocente, e tendo acordado dos seus sonhos de amor, dispunha-se a entrar em casa, quando o seu interlocutor lhe embargou o passo e tomou-lha e mão que beijou.

— Que queres?

— Uma esmola.

E o innocente deitou a correr, ao tempo que ia cantando:

Ai! triste de quem namora
Uma rosinha em botão
Que só elle, o triste chora,
É a rosa não chora, não.
Tristezas trazem amores.
Ai! triste de quem namora!

A voz perdeu-se, enfim, ao longe, e Alfredo entrou em casa.

A. O. DE VASCONCELLOS.

(Continua.)

A Morte, segundo os selvagens, é uma donzella extremamente formosa, a quem não falta senão o coração.

CHATEAUBRIAND.

PIZARRO

(Conclusão)

Estava lançada a luva, e ao espectáculo das crueldades commettidas pelos hespanhoes sobre os povos conquistados ia succeder o espectáculo ainda mais vergonhoso da disputa sanguinolenta entre irmãos na presença do inimigo commum. Se esse inimigo fosse habil e destemido os audaciosos conquistadores perdiam o fructo das suas precedentes victorias, e nem um só d'entre elles voltava á Europa a dar noticia do desastre; mas, em vez de se aproveitarem dos odios que armavam uns contra os outros os filhos da mesma pátria, os indios viram-n'os dilacerarem-se mutuamente, não fizeram um movimento, e contentaram-se em observar as peripecias da lucta, como podiam contemplar o combate de dois tigres. Pizarro dispersara os indios que cercavam Lima, e, sabendo das pretensões d'Almagro, enviou contra elle Affonso d'Alvarado á testa de quinhentos homens. Saio-lhe Almagro ao caminho, procurou ganhá-lo com as suas doutrinas, não o conseguindo, formou os seus em ordem de batalha e derrotou completamente o inimigo.

Se aproveita a victoria, estava a lucta decidida a seu favor. Mas um escrúpulo, ridiculo na situação extrema em que se collocara, impedio-o de invadir a provincia, que el-rei concedera ao seu rival. A revolução, que fizera, tinha só por fim tomar posse de Cuzco que entrava, sem a minima duvida, na porção de territorio que lhe fôra arbitrado. Vingado d'essa injustiça, limitavam-se a isso as suas pretensões. Almagro não sabia que a pessoa que entra na senda ardente da revolta, não pôde depois recuar, nem parar mesmo. Uma vontade estranha se apodera d'elle e o impelle na direcção que lhe convem.

Entretanto Pizarro não desaproveitava, como o seu rival, o tempo que tão necessario lhe era para receber reforços por mar, para pôr de novo em pé de guerra um exercito que podesse debellar o seu contendor. Recorreu para isso á astucia, e cousa notavel, Almagro tantas vezes logrando por elle, ainda d'esta vez se deixou lograr! Protrahiram-se por mezés as negociações que Pizarro propoz como um caminho para a reconciliação. No fim d'esse tempo eram rompidas o mais sem-ceremonia possivel, e Pizarro, á testa d'um luzido exercito, marchava contra Almagro, derrotava-o, tomava Cuzco e augmentava a sua riqueza e as dos seus companheiros com os despojos dos vencidos, despojos que elles tinham arrancado aos pobres indios, e que pelos seus proprios compatriotas lhes eram arrancados.

Sem attender á antiga amizade que os unia, ao prestimo e aos serviços d'Almagro, a quem elle na ultima batalha fizera prisioneiro, Pizarro mandou-o julgar por um tribunal composto das suas criaturas, condemnar á morte e executar. Era assim que esse monstro pagava o auxilio poderosissimo que Almagro lhe prestara, era assim que elle, em nome da patria e do rei de quem era representante, recompensava os heroes que tinham descoberto e conquistado o Peru! A taça das iras do Senhor ia-se enchendo, o dia do castigo devia estar proximo.

Mas Deus dementava o homem que queria perder, Pizarro não percebia que aquelle sangue derramado viria a resaltar-lhe á cara, e que, des-

presando as ordens regias, desprestigiando a auctoridade emanada da metropole, desprestigiava-se a si mesmo, e dava aos seus subordinados um funesto exemplo que elles um dia saberiam aproveitar.

V

Tantas dissensões, tantas crueldades, actos por tal forma arbitrarios tinham emfim chamado a attenção da corte de Madrid. Carlos V julgou afinal que era da sua dignidade intervir n'essas questões que deshonravam o nome hespanhol, e davam bem fraca idéa da auctoridade do seu soberano. Os horrores commettidos por Pizarro, a sua perfidia, o seu intoleravel despotismo e o modo como ultimamente condemnára á morte Almagro, seu collega no commando da expedição, e seu igual ou quasi seu igual no governo dos paizes da America do sul, tudo isto contrabalançou sufficientemente os grandes serviços por elle prestados, e os ministros do imperador, sumamente irritados, não hesitaram em mandar carregar de ferros Fernando Pizarro que de novo se achava em Hespanha. O homem de bem, que, seguindo o impulso da politica de seu irmão e chefe, procurava sempre comtudo abrandar-lhe a ferocidade e attenuar-lhe o despotismo, expiava as maculas do nome que elle tentara conservar illibado. Ou punam ou recompensem, uma cegueira fatal impellio sempre os reis a deixarem cair o premio ou a espada do castigo sobre as cabeças que o não merecem, emquanto os verdadeiros autores das acções gloriosas e infames, ficam escondidos na sombra ou passeiam alegremente a sua impunidade á vista das suas victimas.

Assim, n'este caso, tendo sido nomeado para ir syndicar no Perú um sujeito d'alta capacidade chamado Vaca de Castro, levou este nas suas instrucções a ordem de tratar com o maximo respeito o governador, e de ter por elle a maior consideração. Seria em attenção aos serviços immensos prestados pelo criminoso? Não, porque a maior prova de que já estavam esses serviços olvidados, era o facto de ser mettido n'uma enxovia, onde permaneceu vinte annos, o proprio irmão do descobridor e conquistador do Peru. O verdadeiro motivo era o receio que o poder de Pizarro inspirava ao governo, a necessidade de não irritar um homem contra quem não se podia enviar uma expedição, e que dispunha d'um corpo de destemidos aventureiros.

Entretanto Pizarro continuava, como que impellido pela mão de Deus, a accumular erros sobre erros, inebriando-se com o triumpho, entregava-se a todas as más paixões que lhe referiam no espirito, e olvidava a politica astuciosa, perfida mesmo, mas habil emfim, a que devera até abi a sua constante superioridade. Saboreava a plenos tragos a vingança, esse vinho dos deuses, sem pensar que amargas fezes encontram os simples mortaes no fundo d'essa taça embriagadora.

Em vez de conciliar o affecto dos seguidores de Almagro, entregou-se ao prazer de os calcar aos pés, e provocou d'essa fórma descontentamentos que tinham de se traduzir debaixo d'uma fórma fatal para o imprudente. Na divisão das terras do Peru, a que procedeu, tratou o mais favoravelmente possível os seus partidarios, e olvidou ou fez mesquinhas concessões aos seus inimigos. Po-

litica absurda, que Pizarro decerto não teria adoptado, se a fortuna, como sempre acontece, não o desvairasse com a protecção constante que lhe dava.

A insurreição dos indios dissipara-se como por encanto, e d'esse lado nada tinha que temer o celebre conquistador. Muitos hespanhoes, levados pelo amor das aventuras que a descoberta e a conquista de dois paizes tão opulentos como o Perú e o Mexico haviam accendido em todos os espiritos, penetraram no interior das terras e estenderam para todos os lados o dominio das armas hespanholas. De todos esses aventureiros os mais celebres foram Pedro de Valdivia, que entrou no Chili, onde já Almagro penetrara, derrotou os araucanos, e fundou a cidade de Santiago, e Gonçalo Pizarro, irmão do governador, Gonçalo Pizarro a cuja arrojada iniciativa se deve a descoberta do curso completo do Amazonas, ainda que uma traição nefanda do seu companheiro Orellana assegurasse a este a gloria de ter dado complemento á empreza. Depois de trabalhos sem conto, Gonçalo Pizarro voltou a Quito, onde encontrou as tristes noticias do caso que vamos narrar.

Como dissemos, o procedimento impolitico de Pizarro augmentára d'um modo extraordinario o numero dos descontentes, e a morte de Almagro fôra-lhes um pretexto para os designios funestos que principiavam a alimentar. O infeliz Almagro deixara um filho muito novo ainda, e foi esse adolescente a bandeira que os revoltosos arvoraram. Dos murmúrios passara-se a pouco e pouco a uma conspiração que logo mostrou as intenções de attentar contra a vida de Pizarro. Este foi avisado, mas, altivamente descuidoso, respondeu estas palavras onde já se sente o orgulho do successo, e a vertigem da omnipotencia: «Ninguem ousará conspirar no Perú, emquanto souberem que estou resolvido a cortar toda e qualquer cabeça que abrigar semelhante pensamento.»

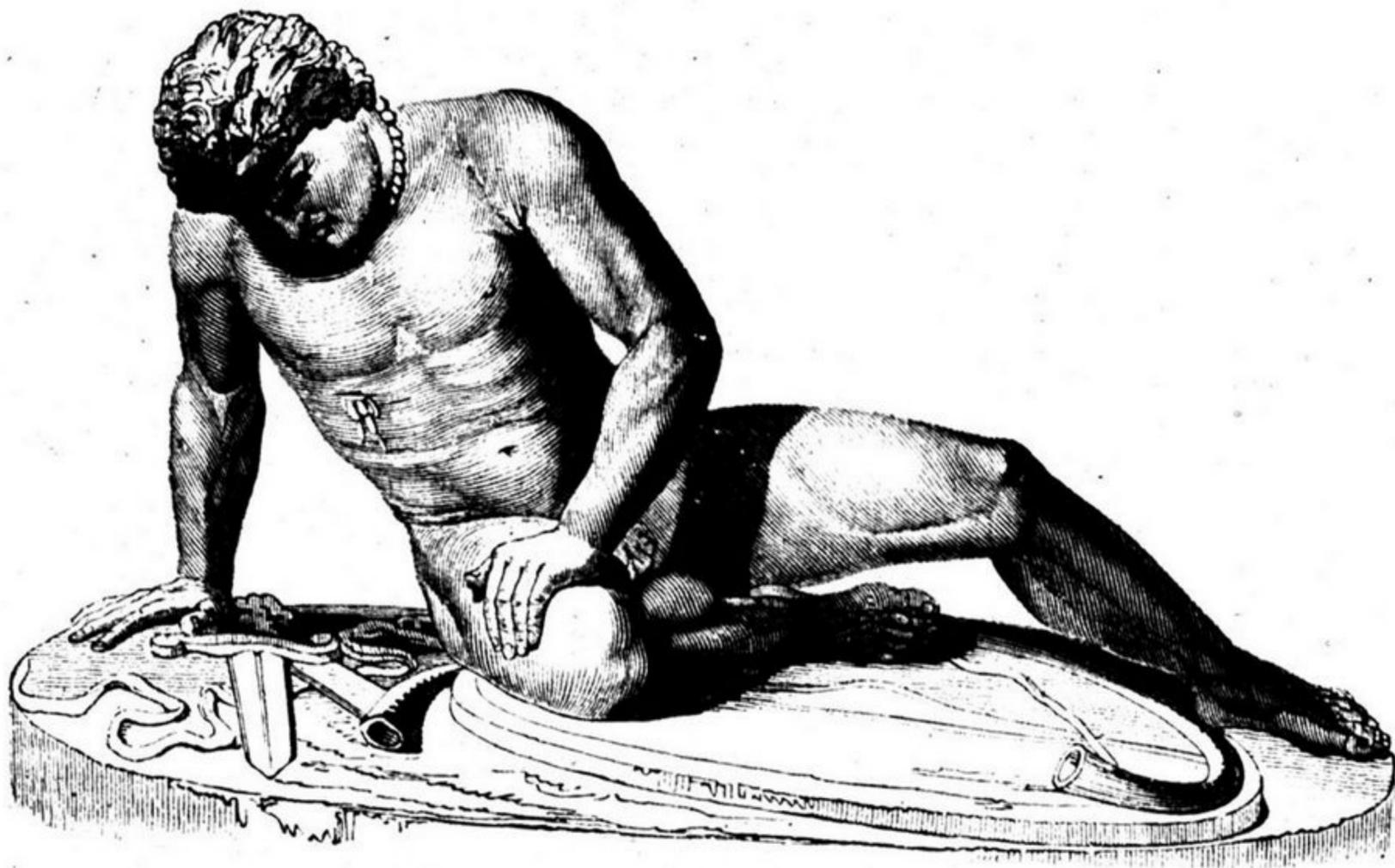
N'um domingo, 26 de junho de 1541, á hora do meio dia, quando todos dormem n'esse clima ardente, saio Juan de Herreda, um dos principaes conspiradores, da casa que o joven Almagro possuia em Lima, á testa de dezoito dos seus companheiros todos armados de ponto em branco. Apenas se vio na rua, desembainhou a espada, e soltou o grito: «Viva el-rei, morra o tyranno.» A este grito juntaram-se a elle os outros conspiradores, e todos em tropel marcharam para o palacio de Pizarro. Por um inexplicavel descuido ou terror a guarda numerosa, que rodeava Pizarro, deixou-os atravessar sem obstaculo os dois pateos. Só ao fundo da escada um pagem foi correndo avisar seu amo. Um terror panico se apoderou de todos os que estavam no palacio. Uns fogem pela janella outros escondem-se. Pizarro, conservando todo o seu sangue frio, levanta-se, pega n'uma espingarda, e seguido por uma pequena phalange d'amigos dedicados ordena a Francisco de Chaves que feche a porta. Mas este, com a cabeça de todo perdida em vez de obedecer corre ao cimo da escada, e pergunta aos conjurados o que desejam. Só lhe respondem crivando-o de punhaladas, e continuando a entrar. Mas Pizarro com um valor digno da sua carreira epica, ainda que apenas de espada e escudos emquanto os seus companheiros estão armado,

de todas as peças, combate com heroico denodo e mantém duvidosa a victoria, apesar da immensa desproporção do numero. Afinal, quando já está todo cercado de cadaveres, a espada d'um dos conjurados enterra-se-lhe na garganta, e arranca-lhe a vida prostrando-o no chão do seu palacio.

Assim morreu o heroe, que doara á sua patria um immenso imperio, que completara feitos mais que humanos á força de audacia, intrepidez, e genio. A morte coroou dignamente a sua vida. Morreu como que n'um campo de batalha, mas aos golpes dos seus compatriotas, que elle tanto se aprouvera em espesinhar. Character vil, espirito elevado, homem cheio de paixões ardentes, e igualmente energico para o bem e para o mal Pizarro adquirio uma reputação que, por não ser immaculada, não deixa de ser universal.

A sua morte não terminou as desordens, em que vimos empenhados os hespanhoes. Estas dissensões vergonhosas e estas luctas civis cruentas, a tantas leguas da patria, no seio d'um paiz inimigo, entre um povo submisso mas fremente, que esperava das mãos dos seus proprios vencedores a liberdade que não soubera reconquistar, baldaram por muito tempo os esforços da metropole para produzir a ordem. e só muitos annos depois se apagaram as ultimas centelhas d'esta guerra fratricida, e poderam os reis de Hespanha estabelecer o seu dominio n'um paiz devastado, mas que assim mesmo foi para elles fonte d'uma opulencia de dois seculos, opulencia a que succedeu um longo abatimento, e que foi talvez a causa d'elle.

M. PINBEIRO CHAGAS.



A morte do Gladiador.

Um dos mais notaveis costumes do povo romano era a dos combates de gladiadores. De todos foi este espectáculo sanguinario o que mais delectou a cidade eterna até o tempo de Constantino, que o prohibio; não se conseguindo todavia a total extincção de tão barbaro costume, senão, 76 annos depois, no tempo do imperador Honorio.

O uso que deu origem a estes combates, tal como os Romanos o tomaram dos Etruscos, consistia em mandar matar escravos e prisioneiros de guerra, junto dos sepulchros dos varões mais illustres.

Pelo correr dos tempos, julgando-se que estes sacrificios humanos eram crueis, uma singular philosophia criou, para os substituir, os combates de gladiadores, inventando assim maior atrocidade: porque o numero de victimas cresceu,

e prolongaram-se-lhes os soffrimentos! De *bustum* se chamou então aos gladiadores *bustuarii*. (1)

O primeiro espectáculo publico desta natureza foi dado, no anno de Roma 490, por Marco e Décio Bruto, nas exequias do pae. (2)

A principio estes espectaculos só tinham lugar em honra dos homens illustres e principaes, e os gladiadores eram tirados então de entre os escravos condemnados *ad ludum* ou *ad gladium*; mas foram gradualmente generalisando-se e, dentro em pouco eram moda em todas as exequias. Os Romanos designavam em seus testamentos, o numero de gladiadores para o espectáculo do seu funeral,

(1) *Moris erat in sepulchris virorum fortium captivos necari: quod postquam crudele visum est, placuit gladiatores ante sepulchra dimicare, qui a busti cineribus bustuarii dicti.*
SERV. AENEID

(2) Val. Max. II. 4. 7.

munnus (3) juntando esta horrivel pompa da morte ás demais pompas funebres que muitos antes gosavam, dispondo-as para além da vida.

Era o requinte do egoismo que, na impossibilidade de eximir se da natural condição, arrebatava na sua quèda aquelles cuja vida, pelo mais abusivo dos poderes, estava sujeita aos caprichos de um homem.

Tão miseravel era a sorte do escravo, que até de um cadaver era escravo ainda!

O sopro da morte, que tudo géla, não paralisava o braço cruel que lhe apertára as algemas. De dentro já do tumulto, esse braço poderoso estendia-se ainda para elle, arrastava-o até á gelida morada, e feria-o sem lucta, sem resistencia, sem vingança possivel! Vingança! quem sabe?! a sombra homicida, escoando-se para os abysmos da eternidade, talvez estivesse lá sentindo, em fogos do inferno, a reverberação da fogueira, que alumiaava cá o horrivel sacrificio!

Deste temor se não levava o povo-rei, cuja paixão desmedida por tão cruel divertimento crescia de dia para dia, chegando a ponto que hoje nos parece incrivel.

Fundaram-se collegios, *ludi*, nos quaes os gladiadores eram sustentados e exercitados na arte da esgrima por mestres chamados *lanistæ*. Estas casas eram verdadeiros armazens de destresa e força, onde qualquer, quando queria dar um espectáculo de gladiadores, os ia comprar ou alugar por uma somma de sestercios, na razão dos seus respectivos merecimentos!

Não era já sómente nos funeraes que havia estes combates. Havia-os nos regosijos publicos, nas festas particulares, sob qualquer pretexto.

A arte gladiatoria, que fóra exclusiva de escravos, já era praticada por homens livres. Chegava o enthusiasmo a tal ponto, que até as mulheres desciam á arena e combatiam tambem!

Minotauro de nova especie, o povo romano carecia d'aquella carnificina que os magistrados lhe arremessavam a miudo, como a fera perigosa. Em vão pretenderia ser popular o pretor, questor, ou edil, que se eximisse deste horroso tributo!

Além das festas publicas e particulares, em que havia combates de gladiadores, até dos banquetes eram parte essencial; e a sumptuosidade do festim era aferida pelo numero de combatentes! Os convivas assistiam alegres áquellas scenas hediondas, e se qualquer dos infelizes caía trucidado, como era trivial, davam palmas ao vencedor, do mesmo modo que, talvez no mesmo lugar, um romano da actualidade applaude qualquer actor no *theatro di Valle*. Ao gladiador vencido davam-se palmas tambem, se elle tinha caído com certa elegancia, no que todos punham o maior cuidado. Era dos preceitos da arte morrer com graça!

Os combates tinham lugar principalmente no *Foro boario*. No dia aprazado para elles disputavam-se os gladiadores de modo que a cada um correspondesse um adversario de igual, ou proxima destresa e força. Depois, em quanto se examinavam as espadas, que deviam ser approvadas pelo *editor*, simulavam elles um combate

com espadas de madeira, *arma lusoria*. Este preludio chamava-se *venitare*. Quando a trombeta dava o signal, vinham as armas homicidas; o que d'ahi em diante se passava chamava-se *dimicatio ad certum*.

Se entre os diversos gladiadores que entravam no combate havia os *mirmillones*, o espectáculo era mais variado. Estes, que ordinariamente eram gaulezes, vinham armados de um escudo e de uma fouce, e traziam um capacete, no cimo do qual se via a imagem de um peixe, *mirmillo*, donde tiravam o nome. Eram seus adversarios os *retiarii*, que usavam de um tridente e de uma rede, na qual procuravam envolver a cabeça do adversario cantando:

Non te peto,
piscem peto:
quid me fugis, Galle?

Quando um gladiador ficava ferido, o povo gritava *hoc habet*: então se elle abaixava as armas confessava-se vencido. Todavia a sua sorte estava ainda dependente da vontade do povo, da de quem fazia as despesas do espectáculo, e principalmente das vestaes, que não podendo ser do seu sexo pelo amor de esposas e de mães, não eram tambem do seu sexo na tranquilla indiferença, com que viam correr pela arena tanto sangue innocente. Se as vestaes pronunciavam o perdão, se o povo erguia as mãos abaixando os dedos polegares, ou se o imperador chegava, estava salvo o gladiador. Se ao contrario as vestaes ficavam mudas, se o povo erguia os punhos cerrados, se o gladiador em vão dirigia os olhos supplicantes para o lugar imperial desoccupado, a sentença de morte estava, sem appelação, pronunciada.

A estatua, representada na gravura que o *Panorama* hoje apresenta aos seus leitores, é uma das mais celebres, entre as que se julgou representarem um d'esses infelizes combatentes. E' porém de suppor que esta estatua geralmente conhecida pela designação de *o gladiador morrendo* não represente um gladiador, mas sim um guerreiro barbaro. Deu-se-lhe aquella denominação, provavelmente, pela mesma causa porque de muitas outras se decido que representavam gladiadores, quando da maior parte das que foram descobertas, principalmente nos seculos XV e XVI, se acha hoje evidentemente demonstrado foram outros os assumptos. A estatua a que nos estamos referindo, é, de todas essas, a que tem sido objecto dos mais escrupulosos estudos dos antiquarios.

Representa ella um homem nu, ferido do lado direito do peito e caído com a agonia mortal, que se exprime admiravelmente, não só nas feições de uma angustia indescriptivel; mas em toda aquella figura meio erguida n'um supremo esforço.

A força phisica, a intensidade da dôr, a serenidade da resignação e a total perda de esperança manifestam-se ali n'uma linguagem sublime, que é de todos os tempos e de todos os povos.

Fôra impossivel emfim exprimir melhor, n'uma figura só, todo o horror da morte e toda a formosura da vida.

São diversas as opiniões ácerca do assumpto d'esta estatua.

Querem uns, que representa um arauto dos

(3) Sen. De. brev. vit.

(5) As differentes denominações dos gladiadores eram: *Mirmillones*—*Retiarii*—*Secutores*—*Tracios*—*Essedarii*—*Summilitis*—*Andabates*—*Coesariani*—*Laqueares*—*Suppositatii* e *Meridiani*.

jogos olympicos, e fundam-se para isso em que a corneta, que se vê sobre o escudo, semelha a dos arautos, e que o collar da figura representa a corda que elles usavam, para augmentar a intensidade da voz.

Querem outros, que o collar assim como a cabeça sejam obra muito posterior á feitura da estatua.

Outros finalmente pretendem, que representa um escravo fiel, mortalmente ferido na defeza de seu amo, o qual reconhecido lhe fizera erigir.

Estas opiniões tem sido combatidas, e segue-se geralmente a de Visconti, o qual é de parecer que representa um guerreiro barbaro, ferido de morte, e expirando no campo de batalha, onde se vêem esparsos varios instrumentos de guerra. Neste caso, será a corneta o *lituus*, e a corda o *torques*, dos Romanos.

Tem este primor d'arte o nome de Ctesilau: contesta-se porém, e ao que parece plausivelmente, a antiguidade da inscripção.

Cita-se de feito, entre as obras do celebre estatuario, um guerreiro ferido; mas era de bronze essa estatua, e esta é de marmore.

A gravura que o *Panorama* apresenta, é copia de uma estatua de bronze, que foi fundida por Kepler e que está em Paris. O original é uma das mais raras maravilhas d'arte que o viajante admira no museu do Capitolio em Roma.

A. P. FERRAZ JUNIOR.

DO MOVIMENTO NO UNIVERSO

Quando uma noite profunda e silenciosa cobre, com o seu negro manto, o universo; quando nossos olhares, errantes de estrella em estrella, deixam a alma contemplativa embalada no espaço; quando o somno da natureza produz em torno de nós o socego, a paz, parece que a immobildade, a inactividade, o repouso absoluto nos rodeiam.

Comtudo, em quanto sonhamos no meio deste socego profundo, e deste placido universo, ha no espaço certo globo de tres mil legoas de diametro, isolado de todas as partes, e suspenso solitario no seio de um espaço infinito. Este globo não está immovel, mas sim, corre atravez da extensão com uma rapidez prodigiosa, ao lado da qual a velocidade das melhores locomotivas se assemelha ao andar da tartaruga. Para bem se apreciar o curso deste globo seria preciso collocarmo-nos em um ponto do céu, não longe do caminho que elle segue; então veriamos este globo luminoso apparecer ao longe. Esphera rodopiante, eis-a que se aproxima, cresce, torna-se immensa, monstruosa... passou... desapareceu com a rapidez do relampago; afasta-se com toda a velocidade, levada pela mesma carreira vertiginosa, sem tregoa nem repouso, eternamente. Qual é a velocidade com que este globo corre os céos sem limites? Vinte e sete mil e quinhentas legoas por hora; mais de trinta mil metros por segundo!

De noite e de dia, sem cessar, este astro continua a sua carreira pela extensão estrellada.—E porque motivo, perguntarão, se não vê esse globo atravessar o céu placido e puro, cujas estrellas scintillam com tanta doçura?—A explicação é

muito simples; este astro, cuja eterna carreira nos assusta, é a terra que habitamos.

A impressão dos sentidos é tão poderosa que a illusão produzida por ella nos domina de uma maneira absoluta. Não nos poderemos subtrair á surpresa, na verdade mui legitima, que faz nascer em nós a ideia de um tal movimento, do qual participamos sem termos consciencia d'isso; e quando mesmo o conhecimento desta verdade e o habito destas considerações mathematicas nol-as tornem mais familiares, não podemos pensar no facto em si mesmo, sem nos admirarmos do seu poder. É que effectivamente nada ha mais opposto a nossos sentimentos originarios sobre a estabilidade do globo, e nada contraria mais a ideia longa e solidamente estabelecida em nós pela observação vulgar. O facto em si mesmo parece-nos ter alguma cousa de prodigio, e comtudo só elle é verdadeiro, em quanto que as nossas primeiras ideias são no fundo erroneas.

Ora importa para aquelle que quer ter uma noção verdadeira da disposição e da natureza do universo, desenganar-se da illusão produzida pelos sentidos e admittir o ensino dos factos observados. Em vez de deixar em nossa presença esse panorama da noite tranquilla, dos astros em repouso, do céu adormecido, contemplemos os movimentos celestes na sua realidade, e não temamos ver desvanecer-se com a illusão o aspecto poetico da noite estrellada: a realidade é por sua natureza infinitamente superior á ficção, quando mesmo se olhe para ella com os olhos do sentimento; em lugar d'uma apparencia de morte, veremos abrir-se diante de nós o reino do movimento e da vida.

Eis pois a terra viajando incessantemente com uma velocidade de 30,550 metros por segundo. Effectivamente ella tem de percorrer em 365 dias e um quarto toda a extensão da orbita que descreve a roda do sol; esta orbita, de 38 milhões de legoas de raio, tem a extensão de 241 milhões de legoas. Tal é o caminho que tem a percorrer em um anno. Ora para isto é preciso voar com uma rapidez de 660,000 legoas por dia. Não esqueça que além deste movimento de translação a terra é animada de um movimento de rotação sobre si mesma, que deita a 164 metros por segundo.

Dirigindo-nos para o sol, encontram-se os planetas Venus e Mercurio. O primeiro descreve uma orbita de 472,600,000 legoas, e o seu anno é de 225 dias, pouco mais ou menos. Para effectuar o seu movimento neste lapso de tempo, é necessario percorrer 36:800 metros por segundo, equivalentes a 32,190 legoas por dia. Esta velocidade é ainda superior á nossa. Póde aqui repetir-se a mesma pergunta que acima fizemos: Porque se não vê este astro correr d'esse modo pelo céu? O leitor já achou a explicação, e sabe que a distancia dos astros impede-nos de apreciar o valor dos seus movimentos—que se tornam tanto menos sensiveis quanto maior é a distancia—e cuja amplitude não póde ser conhecida senão quando se sabe a distancia.

Os movimentos planetarios tornam-se tanto mais rapidos quanto mais proximos estão do sol. Assim, sendo a velocidade da terra por segundo de 30,550 metros e de Venus de 36,800, a de Mercurio deve ser de 58000 metros. Animado desta velocidade, o planeta percorre 52,520 leguas por hora, 1,260,000 leguas por dia, e no espaço de 88 dias, tem percorrido a sua orbita de 111 milhões de leguas.

Voltando sobre nossos passos, e afastando-nos do sol para os limites do systema, encontraremos successivamente Marte, Jupiter, Saturno; etc. A orbita do primeiro destes planetas apresenta um desenvolvimento total de 362 milhões de leguas de quatro kilometros. A velocidade media do planeta é de 22,000 leguas por hora, isto é, de 24,448 metros por segundo. Dizemos velocidade *media* (e este termo é applicavel a todos os mundos), porque cada planeta anda tanto mais depressa quanto mais perto está do sol, o que succede na época do perihelio de cada uma das suas revoluções, que não seguem uma orbita vigorosamente circular, como se sabe, mas approximam-se mais ou menos da forma elliptica. Reciprocamente, o planeta anda mais lentamente quando percorre os pontos da sua carreira mais afastados do sol. Esta differença nos movimentos celestes é sobretudo natural entre os cometas, cuja ellipse é mui alongada. Ha cometas que percorrem 30 leguas por segundo na sua passagem pelo perihelio e alguns alguns metros sómente pelo seu aphelio.

Jupiter emprega doze dos nossos annos para descrever a sua curva orbitaria, igual a 1 milhar 214 milhões de leguas. A sua velocidade é de 12,972 metros por segundo, 778 kilometros por minuto, 11,675 leguas por hora, 280,200 leguas por dia.

O caminho percorrido por Saturno, em sua orbita de 10,760 dias, é de 2 milhares 287 milhões 500,000 leguas. A sua velocidade media é de 112,600 leguas por dia, 8858 leguas por hora ou 9842 metros por segundo. A distancia de Uranus, cuja orbita, de 4 milhares 582 milhões 120000 leguas, é percorrida em 84 annos, a velocidade não pôde ser de mais de 149,300 leguas por dia ou 6000 leguas por hora. A evolução da orbita de Neptuno apresenta uma extensão de 7 milbars e 170 milhões de leguas; a velocidade do planeta sobre esta orbita, que percorre em 164 annos, é de 20,000 kilometros por segundo. Vê-se quanto a velocidade tem successivamente diminuido de Mercurio para cima, que percorre 58 kilometros na mesma unidade de tempo. Apresentadas em uma mesma linha estas velocidades respectivas, por kilometro e por segundo, offerecem de Mercurio e Neptuno a relação seguinte:

58, 37, 30, 24, 13, 10, 7, 5.

Taes são as velocidades com que as espheras celestes percorrem as regiões do espaço. Não fallamos dos pequenos planetas, cujo numero caracteristico occupa a lacuna que separa 24 e 13 na linha precedente, Estes innumeraveis corpinhos, do tamanho de uma provincia, giram, effectiva-

mente em torno do sol com uma velocidade media de 18 kilometros por segundo, ou 16,200 leguas por hora.

Os satellites são levados pelos seus planetas na translação destes á roda do sol e pelo mesmo movimento; além d'isso giram rapidamente á roda destes planetas. Assim redopiam no céu Terra, Lua, planetas, satellites, cometas, como uma rapidez de que nenhuma velocidade sensivel nos pôde dar ideia. Assim andam todos os astros do céu. As estrellas chamadas fixas são animadas umas e outras, das maiores velocidades que até hoje se tem achado. Tal estrella, que nos parece fixa em uma constellação, Arcturus, por exemplo, gira nos pontos longinquos da extensão com uma velocidade de 21 leguas por segundo; de 7682 leguas por dia; mas a distancia que nos separa d'ella é tão grande, que esta mudança de posição da estrella no céu é apenas d'aqui perceptivel. Tal outra estrella, a sessenta e uma do Cysne, move-se no espaço com uma rapidez de 18 leguas por segundo; tal outra, a cabra, corre com uma velocidade de dez e meia leguas por segundo; tal outra ainda, Sirius, com uma velocidade de mais de 9 leguas na mesma unidade de tempo. Pense-se por um bocado no caminho real percorrido por estes astros em uma hora, em um dia, em um anno, em um seculo. Comtudo, a distancia que as separa de nós é tão prodigiosa, que este immenso espaço percorrido em um seculo, espaço que os nossos numeros mais elevados apenas poderiam exprimir, não cobre sobre a esphera estrellada a largura apparente de um dedo. É n'isso que consiste o segredo da invisibilidade destes formidaveis movimentos, da apparente fixidade dos astros, da paz tão profunda das noites estrelladas.

Assim, sem darmos por tal, somos levados no espaço com diversas velocidades: 300 metros por segundo, consequencia do movimento de rotação, na latitude de Lisboa; 30,000 metros por segundo, consequencia do movimento de translação da terra á roda do sol. Accrescentemos ainda o movimento de translação do sol no espaço, que arrasta com o astro central todos os corpos que lhe pertencem, e que não seria inferior a 8000 metros por segundo. Eis, pois—sem contar os secundarios—tres movimentos principaes que nos conduzem, O Sol, com o seu systema, é um facto que cae no abismo dos espaços com a rapidez prodigiosa que acabamos de mencionar. Estrella tambem, corre os desertos do vacuo como as estrellas suas irmãs, cujas ethereas peregrinações acima narramos.

Será bom que a impressão que resulta deste relancear de olhos por sobre os movimentos celestes nos desengane da illusão dos sentidos, e que nos deixe não sómente com a certeza desta actividade permanente das diversas partes do universo, mas ainda com a certeza de que não poderiam impunemente cessar, e que a sua existencia é uma condição da duração do mundo.